
TEXTO LITERÁRIO E TEXTO CIENTÍFICO

■ DISTINÇÕES FUNDAMENTAIS ■

Cid Seixas

– O que distingue o texto literário do texto científico? O que permite a alguém reconhecer que está diante de uma obra de arte verbal e não de uma obra de informação do conhecimento?

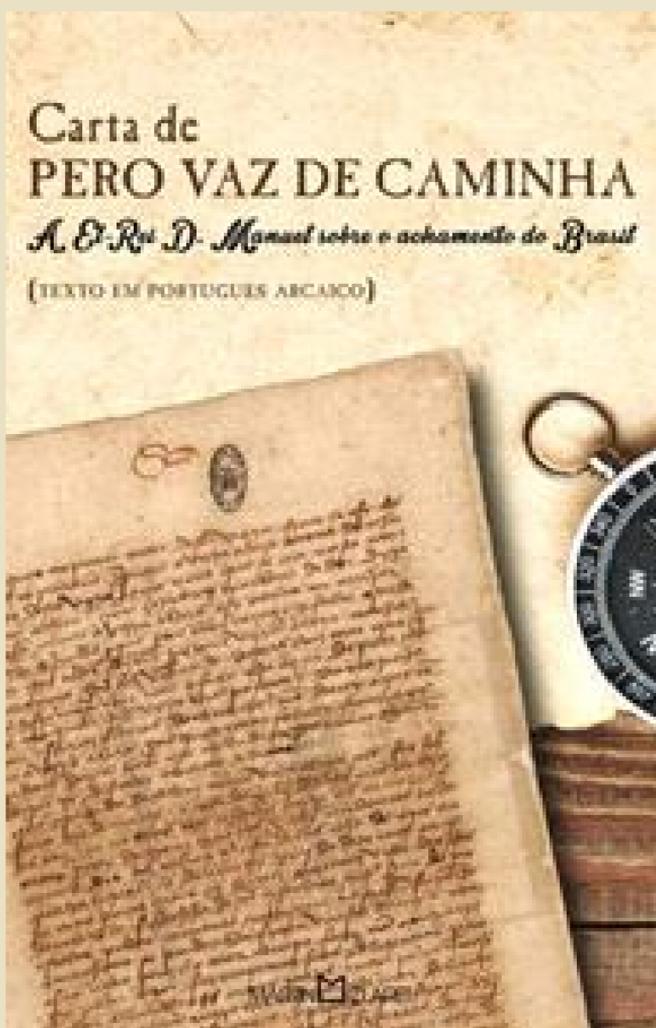
São perguntas que geralmente o leitor se faz como ponto de partida para a compreensão de obras literárias, como um romance, um conto ou um poema.



Mas, antes de se responder, esse leitor precisa ter em mente o que entende por *literário* e por *literatura*. Como se sabe, a expressão vem de *littera*, *letra*, *modo de escrever*, ou mesmo, *carta*. A partir daí, literatura seria tudo que é escrito, como bula de remédio, bibliografia sobre doenças, anúncio de cartomante e até livro de autoajuda. Com uma sutil diferença – aqui marcada pela inicial maiúscula –, *Literatura* seria, para alguns, a arte da escrita criativa. Ou o conjunto de obras artísticas de natureza verbal.

Mas, nem sempre, os estudiosos estiveram de acordo entre si, quanto à observação desse critério definidor. Na idade média, por exemplo, quando a escrita era uma arte dominada por poucos, quase tudo que era escrito se confundia com literatura.

Ainda hoje, a Literatura Brasileira inclui no seu acervo textos como a Carta de Pero Vaz de Caminha ou os vários tratados e impressões de viajantes do século XVI sobre a terra descoberta. O leitor poderia concluir



que escritor, escrivão, escriturário ou escrevente é todo indivíduo que escreve, não importa o quê, se tratados científicos, manuais didáticos, registros de crimes ou histórias de ficção.

Supondo que o leitor considere *literatura*, mesmo escrita com inicial minúscula, como apenas a obra de arte verbal, podemos estabelecer algumas distinções básicas entre a linguagem literária, de natureza estética, e a linguagem científica, de natureza pragmática. Tais distinções valem ainda para outras modalidades de discurso, como o informativo, o emotivo, o coloquial etc.



O texto literário é antes de tudo um jogo de linguagem, no qual esta pode aparecer tanto quanto o próprio conteúdo veiculado. Como esta linguagem artística, aqui referida, é

opaca, isto é, retém o olhar sobre si, antes de conduzi-lo ao objeto retratado, ela aparece como parte do objeto. Já o texto destinado a ensinar, a comunicar o saber da ciência, é uma modalidade de discurso informativo onde a linguagem é transparente, permitindo que a atenção do leitor atravessasse as palavras e frases e veja de forma clara aquilo que é informado. Como o objetivo é mostrar algo, é explicar um conjunto de saberes, a linguagem científica é *transparente* – invisível aos olhos que buscam um outro objeto definido.

Nesse ponto, o texto literário se opõe a diversas modalidades de texto, quer sejam elas científicas, informativas ou pragmáticas. Estaria um tanto próximo do texto coloquial, como a fala do dia-a-dia, bem mais complexa do que as outras, porque contém em si a semente e a soma de todos os registros do falante. Ela, a

linguagem do dia-a-dia, é um pouco científica, informativa, e um pouco inventiva, artística. É pragmática e também emotiva, especulativa – lúdica. É da sua riqueza esquecida por entre as frases cotidianas que se constroem os primeiros jogos de sentido da arte verbal. É no saber arcaico da linguagem coloquial que se procuram as pedras que servem de base para as torres da dicção artística.

No texto literário a linguagem é opaca; ela não apenas refrata, distorce ou redimensiona o objeto, como retém o olhar sobre si mesma, compartilhando a atenção do leitor com o objeto que constitui o plano do conteúdo da obra. A tessitura do texto não permite de pronto visualizar o objeto focado, assumindo o lugar de extensão complementar. Retomando a divisa de McLuhan, pode-se dizer que no texto literário *o meio é a mensagem*. O veículo da mensagem trans-

mitida, isto é, a linguagem, já traz em si mesma muito daquilo que se diz. Se no discurso objetivo a fidelidade ao objeto da mensagem evita a dispersão do olhar; no discurso literário, que é também uma modalidade de discurso subjetivo, o olhar passeia por entre as dobras da linguagem, retirando dela sentidos subsidiários que enriquecem a mensagem original. Daí, o meio tornar-se mensagem; isto é, o modo de dizer é uma parte do que é dito, o significante é também significado. Daí a teoria de Lacan privilegiar o dizer em lugar do que é dito.

Não esqueçamos que o texto científico utiliza uma linguagem *denotativa*, isto é, que propõe uma direção única de significados, conduzindo o leitor a um só feixe de interpretação. O que importa aí não é a linguagem e suas revelações subsidiárias, mas o objeto ao qual ela se refere de modo direto, transparente e obje-

tivo. Já o texto literário utiliza uma linguagem *conotativa*; que sugere um leque de possibilidades interpretativas, onde a textura das frases resvala em sentidos outros, em restos de saberes antigos e novos escondidos por entre as frestas da frase. As múltiplas interpretações abertas pelo texto literário convidam à participação ativa do leitor: sua experiência de vida, sua sensibilidade e sua bagagem afetiva e intelectual constituem cadeias de relações dos seus conhecimentos com as projeções da obra lida.

Como a linguagem literária é conotativa e mais ampla do que a denotativa, ela consegue traduzir um universo de possibilidades bastante grande e, ao fazê-lo, atribui novos sentidos, constrói novos objetos, formados pelo redimensionamento dos objetos conhecidos. Ao renovar expressões gastas pelo uso, a linguagem literária também renova ou reforma

seus conteúdos – os objetos referidos pelas expressões. Naturalmente, a linguagem não renova os objetos do mundo natural em si, mas a compreensão que o ser humano tem deles. Não esqueçamos que essa compreensão, ou essa imagem mental, é que se torna o *verdadeiro* objeto do mundo social, do mundo dos homens e das mulheres, enquanto espécie de animal simbólico.

Se o texto científico quer explicar, informar e *enformar* o mundo conhecido, dando a ele uma *forma* transmissível ao leitor, o texto literário quer descobrir o desconhecido. O texto científico é informativo: dá conta de algo que se sabe e que se transmite a alguém. O texto literário registra uma viagem exploratória: ao mesmo tempo em que tenta descobrir, permite ao leitor acompanhar o processo de descoberta, redescobrimo.

Nesse sentido ele é primitivo, como o mito.

O mito é um discurso que descobre e, ao mesmo tempo, tenta compreender os mistérios do mundo. O texto literário seria então uma espécie de mito individual que o homem moderno continua cultivando como modo de retomar as coisas pela origem, pelo princípio.

linguagens.ufba.br/2021/texto-literario-cientifico.pdf

TEXTO LITERÁRIO E TEXTO CIENTÍFICO: DISTINÇÕES FUNDAMENTAIS. *A Tarde Cultural*. Suplemento do jornal *A Tarde*. Salvador, 17 jan. 98. (Título original: A natureza do texto) Republicado em *Da invenção à literatura: textos de filosofia da linguagem*. Salvador, Rio do Engenho / Editora Universitária do Livro Digital, E-Book.Br, 2017, p. 27-32.

<https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>
www.linguagens.ufba.br/pdf/invencao.pdf